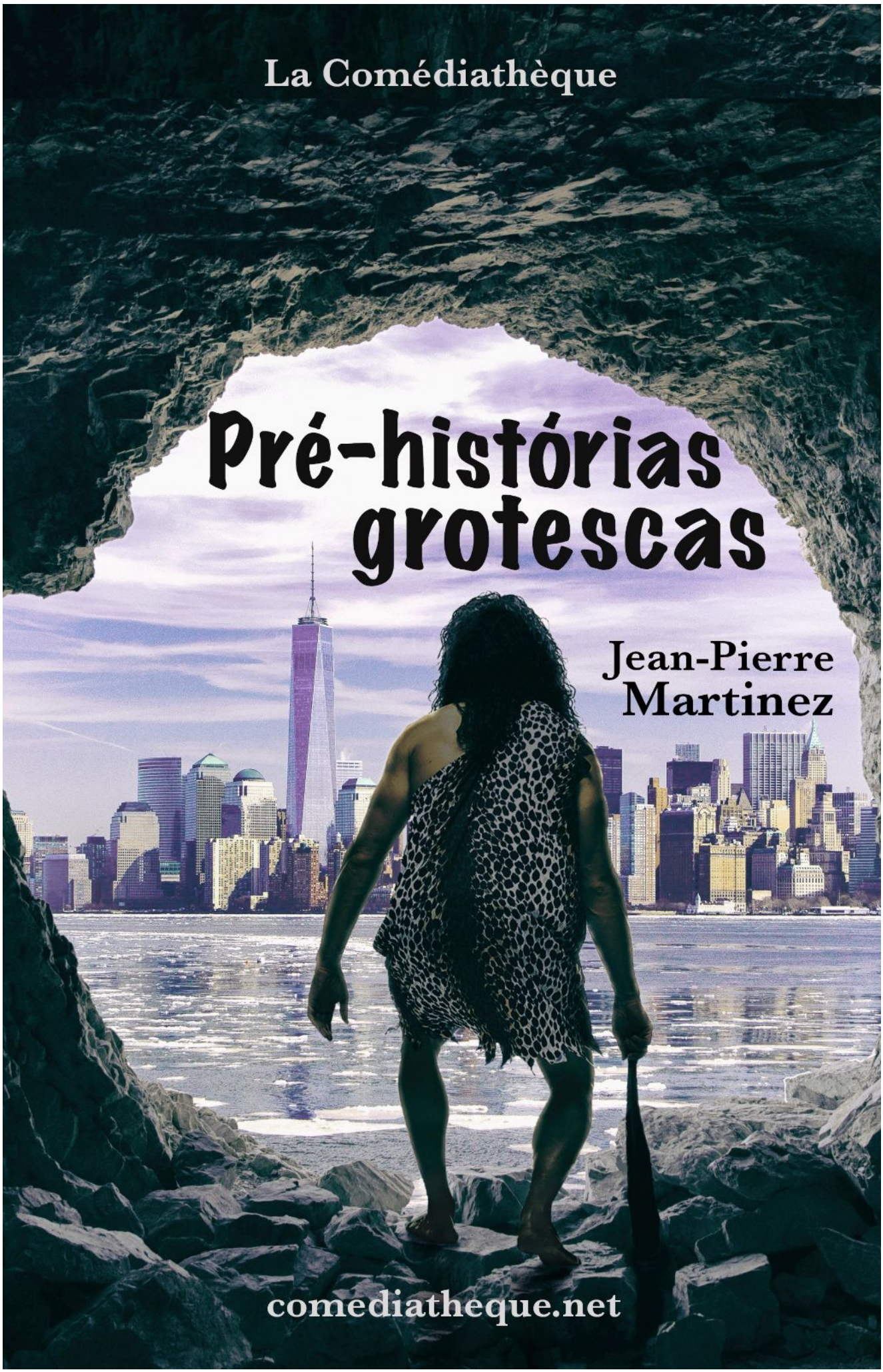

La Comédiathèque
Pré-histórias grotescas
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Pré-histórias grotescas

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Numa possível pré-história que talvez ainda esteja por vir, sapionces e nandertais convivem em perfeita harmonia. Mas duas espécies humanas... não será pelo menos uma a mais?

Personagens:
Ken: o chefe
Rac: o guerreiro
Aki: o caçador

Zora: a artista
Mika: a cozinheira
Kea: a inventora

Eduardo: o nandertal
Beatriz: a nandertal

© La Comédiathèque

ATO 1

Kea, vestida com uma pele de animal, faz furos com um sílex num objeto difícil de distinguir. Mika entra, vestida de maneira semelhante e a tiritar de frio, com um feixe de lenha.

Kea – Está frio lá fora, pelo que parece.

Mika – Pergunto-me se não estaremos a entrar noutra era glacial.

Kea – Ainda bem que o teu homem te ofereceu um casaco de peles novo.

Mika – Vou acender a fogueira. Assim aquecemos um bocadinho.

Kea acena com a cabeça.

Kea – Olha, trouxe uns sílex.

Mika – Seja como for, tenho de começar a tratar do almoço...

Kea – Que é que temos de bom para o almoço?

Mika – O Aki foi à caça. Não sei o que vai trazer...

Kea – Espero que não seja outro mamute. Já estou farta. Tu não?

Mika – O problema dos mamutes é que matamos um e depois passamos um mês a comê-lo ao pequeno-almoço, ao almoço e ao jantar...

Kea – Deviam fabricá-los mais pequenos. Era muito mais prático.

Mika olha para ela, perplexa.

Mika – E tu, o que andas a inventar?

Kea mostra-lhe o crânio em que está a trabalhar.

Kea – É o crânio da Avó. Estou a fazer-lhe uns furos para o usarmos como passador...

Mika – Muito bem... *(Uma pausa.)* Mas quem é a Avó?

Kea – A mãe do Papá! Foi atropelada por uma manada de auroques, mesmo à saída da gruta.

Mika – Ah, pois foi... Já nem me lembrava.

Kea – Assim lembramo-nos da Avó sempre que usarmos o passador...

Mika – És muito sentimental, Kea...

Kea – E vê lá o colar que fiz com os dentes dela!

Mika – É muito bonito!

Kea sorri.

Kea – E quando o Papá morrer, também o comemos?

Mika – E porque não?

Kea – Não sei... Faz-me alguma impressão comer os mortos. Sobretudo quando são da família...

Mika – É a tradição.

Kea – Tens razão... Assim, continuam a fazer parte de nós.

Mika – Exatamente.

Kea – Quando alguém morre, juntamo-nos à mesa para recordar o falecido... enquanto o mastigamos.

Mika – E nesse dia, ao menos, não temos de perder tempo a decidir o que cozinhar...

Kea – A Zora diz que também é uma forma de absorver a alma dos nossos entes queridos...

Mika – Pois... Confesso que essa não me convence muito.

Kea – Agora que penso nisso, pergunto-me se já não comemos o Papá...

Mika – Ah, sim?

Kea – Há um ano ou dois, acho eu...

Ken, chefe do clã, entra vestido como os outros, mas com um adorno que assinala o seu estatuto, por exemplo um cocar.

Ken – Estou a ficar com uma fome... O que há para comer?

Mika – Aki ainda não regressou da caça, Grande Chefe...

Ken – A caça anda cada vez mais escassa...

Mika – E a Zora tinha prometido que os desenhos dela nas paredes da gruta fariam voltar os mamutes...

Kea – E dariam sorte aos caçadores...

Mika – Pobre Aki... Espero que não lhe tenha acontecido nada...

Kea – E eras tu que me chamavas sentimental...

Mika – O quê?

Kea – Também te preocupas quando o teu homem tarda em voltar da caça... É verdade que ele está mesmo de comer e chorar por mais.

Mika – Não agoires, Kea. Preferia que ele não acabasse no nosso prato...

Ken – Ao menos tínhamos alguma coisa para meter à boca...

Mika – Bom, tenho imenso que fazer...

Mika baixa-se para apanhar o feixe de lenha. Ken fixa-lhe o traseiro e pousa-lhe uma mão nas nádegas.

Ken *(com ar cúmplice)* – Eu ajudo-te a acender o fogo, Mika. Assim entretenho-me enquanto esperamos...

Mika – Mas, Grande Chefe... E o Aki?

Ken – O Aki está à caça! E conheces o ditado...

Mika – Não.

Ken – Quem vai à caça perde o lugar!

Mika – Não conhecia esse ditado...

Ken – É natural, acabei de o inventar! Alguém há de inventar os ditados pela primeira vez!

Mika – Bem... Até depois, Kea...

Kea – É isso mesmo, vai avivar a chama...

Ken e Mika saem. Entra Zora, vestida como os outros, mas com um ar de zombie e coberta de amuletos.

Kea *(assustando-se)* – Que susto, Zora! Então, como vão essas pinturas?

Zora – Estão quase prontas. Vão ver, vai ser grandioso!

Kea – O que representa?

Zora – Estou na minha fase animal. Pinto cenas de caça.

Kea – Mais valia ires à caça, em vez de andares a borratar as paredes da gruta! A pintura não enche a barriga a ninguém...

Zora – Vocês não percebem nada de arte rupestre... Eu trabalho para a posteridade!

Kea – A posteridade... Ainda bem que ninguém vai àquela parte da gruta. Imagina que tínhamos visitas...

Zora – Mas nós nunca temos visitas! E quando convidamos alguém para jantar, geralmente é o prato principal...

Kea – Lá isso é verdade.

Zora – E se organizássemos uma inauguração? Podíamos convidar os vizinhos...

Kea – Uma inauguração?

Zora – Uma pequena receção! Para apresentar as minhas obras...

Kea – Isso... E por que não vendê-las também...

Zora – Podiam valorizar-se.

Kea – Para levarem um quadro, os clientes tinham de arrancar uma parede inteira da gruta! Da nossa gruta!

Zora – Tens razão. Se calhar devia mudar de suporte...

Kea – Podias pintar em crânios! Ao menos não sujavas as paredes...

Zora – Ora aí está uma ideia... Podia chamar-lhes naturezas-mortas. Ainda temos crânios?

Kea – Havia o da Avó, mas fiz dele um passador...

Entra Aki, o caçador, a arrastar um corpo pelos pés.

Kea – Mas que horror é este?

Aki – Vamos chamar a isto um acidente de caça...

Zora e Kea debruçam-se sobre o corpo.

Zora – Ai, credo... Mas o crânio dava-me jeito...

Kea – Esta não é das nossas.

Zora – É uma nandertal... O chefe não vai gostar nada...

Kea – Como é que fizeste isto?

Aki – Confundi-a com um grande símio...

Zora – É verdade que há uma semelhança familiar, mas pronto...

Kea – O que é que ela tem na mão?

Aki – Um cesto de cogumelos...

Aki pousa o cesto num canto. Ken regressa, a compor a roupa, seguido de Mika, um pouco despenteada.

Ken – O que se passa?

Aki fica perplexo com o aspeto desalinhado de Ken e Mika.

Aki – Podia fazer-vos a mesma pergunta...

Ken – Sim, mas eu perguntei primeiro.

Zora – Temos aqui um osso duro de roer, Grande Chefe...

Kea – Ele confundiu uma nandertal com um macaco...

Entra Rac, de aspeto guerreiro e com um machado à cintura.

Rac – Porquê? Os nandertais não são macacos?

Zora – Não exatamente...

Ken *(debruçando-se sobre o cadáver)* – Porra, Aki! Não me digas que fizeste isto!

Aki – De longe... Nem sempre é fácil distinguir...

Ken – Como se já não tivéssemos problemas suficientes neste momento.

Rac – Tens razão, Aki! Devíamos dar uma tareia àqueles macacos!

Ken – Podem ser macacos, mas não vão gostar que tenhamos abatido um dos deles. É humano...

Rac – Mas eles não são humanos!

Ken – Aqueles nandertais não me inspiram confiança...

Rac – Então atacamos primeiro! São todos uns degenerados!

Ken agarra-o pela pele e fulmina-o com o olhar.

Ken – Cala-te de uma vez! Não consigo pensar!

Rac – Desculpa, Chefe...

Ken – Até agora tínhamos conseguido viver em paz. Não vamos deitar tudo a perder por um simples acidente de caça...

Aki – Tecnicamente, foi só um homicídio involuntário, não foi?

Zora – E se propuséssemos um acordo amigável?

Ken – Um acordo?

Rac – Com esses macacos...

Ken – Bom, entretanto vamos comer. Estou com tanta fome que nem consigo pensar...

Mika – Com isto tudo, ainda nem preparei a comida. E agora?

Todos os olhares se voltam para o corpo da nandertal.

Mika – Se quiserem, faço-a na brasa. Sempre é diferente...

Kea – E é num instante.

Ken – A estas alturas...

Rac – Para mim, mal passada. Da última vez ficou completamente carbonizada...

Kea – Para mim, no ponto.

Zora – Quando acabarem de comer, guardam-me o crânio e as omoplatas? É para fazer frescos portáteis.

Escuro.

ATO 2

Ken, Rac, Aki, Mika, Kea e Zora acabam o churrasco improvisado. Já quase só restam ossos. Limpam ruidosamente a boca com as mangas.

Kea – Afinal, a nandertal nem é má...

Aki – Tem um sabor parecido com o das aves.

Zora – Parece peru...

Mika – O segredo está na cozedura. Com um fio de gordura de mamute, a carne fica muito tenra.

Rac – Senão fica um bocado seca...

Aki – E combina muito bem com cogumelos.

Zora – Pois é. Nunca nos lembramos dos cogumelos.

Ken – Espero que esta churrascada não nos caia mal...

Uma pausa.

Kea – Em princípio, não é suposto comermos os vizinhos.

Rac – Então, chefe, o que fazemos com aqueles macacos? Vamos dar-lhes uma sova?

Ken – Não sei... Os nandertais são um bocado degenerados, é certo, mas também são muito espertos...

Rac – Espertos como macacos...

Aki – Então, o que propões, Grande Chefe?

Ken – Proponho que convoquemos o conselho do clã.

Momento de embaraço.

Kea – Mas já cá estamos todos, Grande Chefe.

Ken – Todos? Mas onde estão os outros?

Kea – Os outros?

Ken – Antes éramos mais, não éramos?

Mika – Os outros... comemo-los, Chefe...

Novo momento de embaraço.

Ken – Bem... Declaro aberta a reunião do conselho. Zora, consultaste as entranhas desta nandertal. Até as comeste. Então? O que dizem os deuses?

Zora – Os deuses aconselham-nos a evitar conflitos de vizinhança, Grande Chefe. E a organizar uma inauguração para fazermos as pazes...

Rac – Uma ova! Acabámos de comer uma deles! A boa vizinhança está bem arranjada...

Kea – É verdade que é um assunto sério, Chefe...

Mika – Não é como acordar os vizinhos ao domingo de manhã a cortar a relva...

Ken – Então, o que fazemos?

Zora – Poderíamos dar-lhes algo como compensação.

Rac – E porque não lhes pagamos uma indemnização por perdas e danos, já agora?

Zora – Um quadro de mestre, por exemplo...

Aki – Melhor algo para comer.

Ken – Podem parecer macacos, mas duvido que se contentem com duas ou três bananas. Afinal, morreu uma pessoa...

Rac – Mas eles não são pessoas!

Ken volta a fulminá-lo com o olhar. Rac cala-se.

Zora – Não, seria necessário um gesto muito mais significativo...

Ken – Um cacho de bananas?

Zora – Receio que isso não seja suficiente para aplacar a sua raiva, Grande Chefe...

Ken – Uma bananeira?

Kea – Ainda há bananeiras por aqui?

Aki – Não desde a última glaciação.

Rac – E no entanto, ainda há macacos...

Ficam a pensar por uns instantes.

Ken – Já agora, era fêmea ou macho?

Rac – Uma macaca.

Mika – Bem me parecia. A carne das fêmeas é sempre mais tenra.

Ken – Poderíamos dar-lhes uma das nossas mulheres em troca?

Mika – Uma mulher?

Aki – Já que comemos uma fêmea.

Rac – Já não temos muitas mulheres...

Aki – Mal dá para uma por cabeça.

Rac – E ainda a contar com a Zora.

Zora – Os nandertais são canibais?

Aki – Não pertencemos à mesma espécie! Se comerem uma das nossas mulheres, tecnicamente não é canibalismo...

Mika – Bom, não vamos discutir por causa de uma palavra...

Ken – Se lhes dermos uma mulher, não são obrigados a comê-la.

Rac – Farão o que quiserem com ela.

Mika – Pois, pois...

Aki – Qual é que lhes damos?

Rac – Kea?

Aki – Ah, não! Ela é a única que cozinha mais ou menos bem!

Zora – Mika?

Ken – Ah não! É a única que faz bem o a... *(Aki lança-lhe um olhar severo.)* A única que sabe acender o fogo.

Uma pausa.

Mika – E se lhes déssemos antes um dos nossos homens?

Ken – Um homem?

Kea – Comemos uma mulher. Isso não impede que lhes demos um homem em troca. Antes pelo contrário.

Aki – Porque é que dizes «pelo contrário»?

Mika – Parece que acham que um homem vale mais do que uma mulher...

Rac – E daí?

Kea – Assim ainda ficam a ganhar. Deve acalmá-los...

Zora – E no final, seja homem ou mulher, continua a ser carne.

Ken – E se lhes déssemos um homem, ficavam mais mulheres para os restantes...

Zora – É uma perspetiva muito masculina...

Ken – Bom... Voluntários?

Silêncio.

Ken – Aki?

Mika – É o único que sabe caçar como deve ser!

Rac – Como deve ser? Confundiu um macaco com uma nandertal! Afinal, a culpa disto tudo é dele! Era mais que justo...

Ken – Mas depois ficávamos sem nada para comer...

Zora – Rac?

Ken – Se a coisa correr mal com os nandertais, ainda precisamos do poder de dissuasão dele...

Mika – E é o único que sabe fazer bem o a... a guerra, precisamente.

Zora – Bom, que outras hipóteses nos restam?

Todos os olhares se voltam para o chefe.

Ken – Lembro-vos que sou o chefe do clã.

Rac – Já sabemos, já...

Ken – Perdão?

Rac – Não, não, nada mesmo, Grande Chefe...

Ouve-se, fora de cena, uma voz feminina estridente e de pronúncia muito afetada.

Beatriz – Está alguém nesta gruta? Sapionces, estão aí?

Todos os membros do clã ficam imóveis.

Ken – Estávamos à espera de alguém para jantar?

Kea – Não...

Aki – Devem ser eles...

Zora – Quem são eles?

Mika – Os nandertais!

Rac – Merda...

Ken levanta-se, um pouco constrangido, para receber a visita.

Ken – Sim, sim, estamos aqui! Entre, por favor, está aberto...

Entra Beatriz, vestida de forma futurista, com uma espécie de fato de alta tecnologia.

Beatriz – Olá, olá! Como vão esses sapionces? Espero não vos ter acordado!

Kea – Desculpe a desarrumação... Se soubéssemos que íamos ter visitas...

Beatriz – Sou eu que peço desculpa por interromper o vosso almoço de família de domingo...

Ken – Sente-se, faça favor. Afinal, não somos selvagens...

Beatriz hesita à procura de um lugar para se sentar e acaba por se instalar.

Mika – Já comeram?

Kea lança-lhe um olhar de reprovação.

Beatriz – Estávamos prestes a fazer um piquenique, mas não queria incomodar...

Kea – Lamentamos muito este infeliz incidente, minha senhora...

Beatriz – Então já sabem porque cá estou?

Ken – Estamos inteiramente dispostos a chegar a um acordo que agrade a ambas as partes...

Beatriz – É muito amável da sua parte, mas...

Ken – Estamos prontos a aceitar todas as suas exigências para manter as boas relações entre as nossas duas espécies...

Aki – Se for preciso, até pedimos perdão.

Ken – Diga-nos o que deseja. Para nós são ordens...

Beatriz fica impressionada com tanta solicitude.

Beatriz – Ora bem... Muito obrigada pela colaboração. Estou comovida... Eu e o meu marido estávamos a passear no bosque à procura de um sítio sossegado para dar uma queca...

Kea – Quer dizer, para fazer um piquenique?

Beatriz – Não foi o que eu disse? Enfim, mandei a minha sogra apanhar cogumelos enquanto preparávamos a mesa... E desde então ninguém sabe onde ela se meteu.

Um silêncio constrangido entre os sapionces.

Ken – Acredite, minha senhora, que muito nos entristece saber disso.

Aki – Embora, evidentemente, não tenhamos nada a ver com este desaparecimento inquietante.

Zora – Em que podemos ser úteis?

Beatriz – Não a terão visto por acaso?

Ken – E como era a sua sogra?

Beatriz – Uma sogra normal, suponho.

Ken – Alguém aqui viu a sogra da senhora?

Os outros fingem não saber de nada.

Beatriz – Talvez ela tenha caído num buraco...

Aki – É verdade que há muitos por aqui...

Beatriz – A menos que tenha sido devorada por animais selvagens...

Kea – Infelizmente, também é uma possibilidade.

Zora – Ou então comeu uns cogumelos alucinogénios sem querer e, a esta hora, anda a correr pelo bosque, meio nua, aos gritos que o fim do mundo está próximo.

Beatriz – A sério? Confesso que gostava de ver isso...

Rac – Os cogumelos são coisa delicada, quando não se percebe do assunto.

Beatriz – De qualquer forma, cheira muito bem aqui...

Mika – Sim, fizemos... fizemos um churrasco. E cogumelos também.

Aki – Mas estes são comestíveis.

Beatriz – Vocês é que têm razão... Uma vida simples, comida saudável... Às vezes pergunto-me o que é que a civilização nos trouxe de tão bom, a nós, os nandertais... *(O telemóvel toca. Atende.)* Eduardo? Estou na gruta, com os sapionces... Vou desligar, aqui dentro quase não há rede... Vens ter connosco? Está bem, até já. *(Guarda o telemóvel.)* Desculpem. Se algum dia voltasse a ser um animal como vocês, a primeira coisa que deitava fora era o telemóvel...

Ken – Tem a certeza de que não quer...

Beatriz – Que amabilidade! Não resisto... Com licença?

Kea – Claro...

Beatriz tira um pedaço de carne e prova-o.

Beatriz – Absolutamente delicioso! Tem um ligeiro sabor a caça. O que é?

Aki – Peru...

Beatriz – Ah! Não sabia que se tinham dedicado à criação de animais. Pensei que ainda eram caçadores-recoletores...

Kea – É peru selvagem.

Aki – Mika, podes levantar a mesa...?

Mika recolhe os ossos espalhados e leva-os para fora de cena. Ouve-se outra voz, desta vez masculina.

Eduardo – Beatriz, estás aí?

Beatriz – Sim, querido, estou aqui com os sapionces!

Entra Eduardo, vestido no mesmo estilo da mulher.

Eduardo – Já começava a perguntar-me se também tinhas desaparecido... Minhas senhoras, meus senhores, bom apetite!

Beatriz estende-lhe o seu pedaço de carne assada.

Beatriz – Fizeram um churrasco... Está divinal! Prova...

Eduardo dá uma dentada.

Eduardo – Ah, sim... É delicioso... Mas tem um sabor um bocado forte. A carne já estava passada?

Beatriz – Mas nem sinal da tua mãe...

Eduardo – Acabaremos por encontrá-la... *(Olha o ambiente com condescendência.)* É muito encantador aqui. Muito pitoresco, não achas, Beatriz?

Beatriz – É muito típico... Nunca pensaram em abrir um alojamento local? Aposto que seria um sucesso.

Eduardo – Passar um fim de semana numa gruta... Era uma experiência muito divertida.

Beatriz – E assim ganhavam dinheiro para comprar algumas comodidades modernas. Uma televisão, por exemplo!

Eduardo – Mas tu sabes, querida, que os nossos amigos sapionces são um bocadinho resistentes à evolução...

Beatriz – É verdade que o progresso não trouxe só coisas boas! Às vezes também gostava de andar meio nua, como vocês, a comer carne crua numa gruta insalubre e a fornicar em família...

Eduardo – Desculpem-na. Deve ser do ar puro...

Mika regressa.

Mika – Talvez seja melhor passarmos à sala...

Zora – E se vos mostrasse as minhas pinturas rupestres?

Eduardo – Pintam nas paredes?

Beatriz – Que coisa fascinante!

Eduardo – E muito na moda.

Rac *(à parte, para Ken)* – E se os comêssemos também? Ainda tenho um bocadinho de fome...

Ken *(à parte, do outro lado)* – Não podemos comer toda a gente com quem temos um pequeno conflito de vizinhança...

Zora – Sigam-me, faço de guia...

Kea – É mesmo ao fundo da gruta...

Saem. Escuro.

ATO 3

Os sapionces e os nandertais regressam.

Beatriz – Não, é realmente muito bonito... Tão... tão colorido, não é, Eduardo?

Eduardo – Sim, é muito... É arte primitiva, não é?

Beatriz – Claro que é arte primitiva! O que é que havia de ser?

Eduardo – É bastante cavernícola, de qualquer maneira.

Zora – Gostam mesmo?

Beatriz – Deviam expor os vossos trabalhos, a sério.

Eduardo – Ou abrir uma galeria. Era mais prático, já que os quadros estão pintados nas rochas...

Ken – A nós, de qualquer forma, não nos têm ajudado a caçar.

Aki – Pois, desse ponto de vista não se pode dizer que...

Beatriz – Até levávamos um ou dois para a nossa sala, mas não nos lembrámos de trazer um martelo pneumático...

Eduardo – Quando se vai fazer um piquenique no bosque, raramente se pensa em levar um martelo pneumático. É pena...

Zora – Mas também pinto em crânios, se quiserem. Ou em omoplatas.

Beatriz – A sério?

Eduardo – Olha, isso lembra-me que ainda não encontrámos a minha mãe...

Beatriz – Ah, pois é, já quase me tinha esquecido dela...

Eduardo – Achas que ela se pode ter perdido a apanhar cogumelos numa destas grutas?

Beatriz – É possível. Quando não se conhece... Isto é enorme, não é?

Eduardo – E escuro, ainda por cima.

Beatriz – Deviam pôr sempre um localizador GPS nas sogras. Para evitar encontros desagradáveis...

Eduardo – Todas estas galerias que parecem não ter fim...

Beatriz – Parecem um tubo digestivo...

Eduardo – Bem, meus caros primitivos, não é que estejamos aborrecidos...

Beatriz – Sim, não queremos incomodar-vos mais...

Eduardo *(virando-se para os sapionces)* – E se levássemos um deles connosco?

Beatriz – Mas os frescos estão pintados diretamente nas paredes, Eduardo!

Eduardo – Estou a falar de levar um sapionce! Fazíamos um belo churrasco no jardim esta noite. Temos de admitir, Beatriz: não nascemos para fazer piqueniques no bosque...

Beatriz – Achas? Os churrascos fazem sempre algum fumo. E há os cheiros... Não queria arranjar problemas com os vizinhos...

Os sapionces olham uns para os outros, horrorizados.

Mika – Vocês também são canibais?

Kea – Pensávamos que eram civilizados...

Aki – O que, vindo de nós, não é necessariamente um elogio.

Beatriz – Ora essa! Não somos da mesma espécie...

Eduardo – Portanto, não se pode propriamente chamar-lhe canibalismo.

Rac – É o que estou farto de tentar explicar-lhes.

Eduardo – Para nós, vocês não passam de carne.

Kea – Já alguma vez ouviram a carne falar?

Zora – Ou pintar frescos magníficos nas paredes?

Eduardo – Também não vamos cair em sentimentalismos.

Beatriz – Vá lá, não sejam crianças. Tenham juízo.

Eduardo saca de uma arma futurista, semelhante a uma pistola laser, e aponta-a aos sapionces.

Eduardo – Qual é que levamos, querida?

Beatriz *(apontando para Mika)* – Aquela parece bem rechonchuda.

Eduardo – Talvez tenha alguma gordura a mais... Por causa do fumo para os vizinhos... *(Voltando-se para os homens.)* E porque não um macho?

Beatriz – Pois, porque não?

Mika – Foi o que eu lhes disse há bocado...

Eduardo aponta a arma a Aki.

Aki – Esperem, nandertais! Há aqui um problema...

Beatriz – Um problema?

Mika – A vossa sogra... não vai voltar com os cogumelos...

Eduardo – A minha mãe?

Beatriz *(reparando no cesto vazio)* – Meu Deus! É o cesto de verga da minha sogra!

Aki – Foi um acidente...

Mika – Um acidente de caça, mais precisamente.

Rac – Confundimo-la com um macaco.

Beatriz – É triste, mas um dia tinha de acontecer. Reconhece, Eduardo, que a tua mãe era mesmo parecida com um macaco...

Eduardo – Meu Deus...

Beatriz – Uma vez levámo-la ao jardim zoológico e os tratadores não nos queriam deixar sair com ela! Tivemos de falar com o diretor! E têm a certeza de que morreu mesmo?

Ken – Temos a certeza absoluta. Garanto-lhe.

Eduardo – Estes sapionces são uns animais... E pensar que ainda há pouco estávamos a pensar assar um no espeto...

Beatriz – Eu gostava muito da minha sogra.

Eduardo – Estou arrasado...

Beatriz – Ao menos podemos recuperar os restos mortais?

Kea – Para o churrasco desta noite?

Eduardo – Para fazermos o luto!

Beatriz – Não somos canibais! Já vos disse isso vezes sem conta.

Ken – Naturalmente...

Mika – Pois, mas aí é que está o problema...

Rac – E não é pequeno...

Eduardo – Que se passa agora?

Mika – Não vai ser fácil recuperar o corpo...

Beatriz – Porquê?

Rac – Comemos a velha.

Eduardo – Comeram a minha mãe?

Rac – Não tinha muita carne à volta dos ossos, mas não estava má.

Mika – E vocês também provaram.

Eduardo – Ah, estou a perceber...

Beatriz – Bem me parecia que a carne estava um bocadinho rija...

Eduardo – Se pudesses evitar falar de carne quando te referes à minha mãe...

Beatriz – Desculpa, Eduardo...

Zora – Portanto, se nos comerem, depois de nós termos comido um dos vossos, estarão a comer um bocadinho de vocês próprios...

Kea – Aliás, já começaram.

Beatriz – Que delicadeza da vossa parte lembrar-nos disso...

Ken – Não há dúvida: isso tornava-vos canibais. Como nós...

Kea – De certa forma, já somos todos da mesma espécie.

Aki – Por fusão e incorporação, como se costuma dizer...

Beatriz – Temos de reconhecer que faz sentido... E agora, Eduardo?

Eduardo – Levamos um na mesma... Como recordação.

Beatriz – Levamos o quê, querido?

Eduardo – Um sapionce.

Beatriz – Como recordação de quê?

Eduardo – Da minha mãe!

Beatriz – Claro!

Escuro.

ATO 4

Mudança de cenário. Estamos no loft dos nandertais. Nas paredes, alguns quadros de inspiração pré-histórica. Eduardo e Beatriz estão sentados no sofá. Ken e Mika estão deitados aos seus pés, como animais de estimação. Num canto, uma pequena árvore de Natal com luzes intermitentes.

Beatriz – Foi uma ótima ideia trazer estes sapionces para casa.

Eduardo – Agora que a minha mãe morreu, sempre nos fazem companhia...

Beatriz – Que Deus a tenha.

Eduardo – Passam o dia quase todo a dormir, mas enfim...

Beatriz – Mesmo assim, são melhores que a tua mãe...

Eduardo olha ternamente para Mika e acaricia-lhe o cabelo.

Eduardo – Só lhes falta falar.

Beatriz – Mas eles falam, não falam?

Eduardo – Ah, sim... Antes falavam. Mas cada vez falam menos, já reparaste?

Beatriz – Menos do que a tua mãe, de certeza.

Eduardo – Porque é que passam o dia a dormir? Se calhar aborrecem-se...

Beatriz – É verdade que ter sapionces num apartamento não é o ideal, mas enfim...

Eduardo – Ainda bem que trouxemos um casal.

Beatriz – Achas que se reproduzem em cativeiro?

Eduardo – Duvido.

Beatriz – E porquê?

Eduardo – Castrei o macho.

Beatriz – Ah... Bem me parecia...

Eduardo – O quê?

Beatriz – Nada...

Eduardo – E pensar que quase os comemos, lembras-te?

Beatriz – Pois é. Parece disparatado, mas afeiçoámo-nos a eles...

Eduardo – Agora fazia-me impressão ter um deles no prato.

Beatriz – Já agora, que horas são?

Eduardo – Quase dez.

Beatriz – Meu Deus, já? Está na hora da consoada!

Eduardo – Pois é... Senão ainda chegamos atrasados à missa do galo...

Beatriz bate palmas para acordar os sapionces.

Beatriz – Vá, vá! Acordem, sapionces! Está na hora da papinha!

Eduardo – Vamos comer papas?

Beatriz – É uma maneira de falar, Eduardo. Com eles uso palavras simples para perceberem...

Ken e Mika espreguiçam-se e levantam-se.

Eduardo – A vantagem em relação aos animais normais é que estes cozinham para nós...

Beatriz – E, se queres que te diga, bem melhor do que a tua mãe...

Eduardo – E ainda nos fazem companhia à mesa... Cada vez menos, mas enfim...

Beatriz – Bom, ficam encarregados de servir o jantar, sapionces. Nós vamos preparar-nos para a consoada.

Eduardo e Beatriz saem. Os dois sapionces começam a pôr a mesa e a dispor os pratos.

Ken – Já não me lembro... O garfo fica à direita ou à esquerda?

Mika – Depende...

Ken – De quê?

Mika – De a pessoa ser destra ou canhota.

Ken – E os nossos donos, são destros ou canhotos?

Mika – Ela é destra e ele canhoto, acho eu.

Ken coloca os talheres de determinada maneira.

Mika – Ah, não... Parece-me que é ao contrário. É ele que é destro.

Ken troca os talheres de lugar. Depois repara num dos quadros.

Ken – Lembras-te de quando vivíamos com os outros na gruta?

Mika – Cada vez menos...

Ken – Não tens saudades?

Mika – Aqui ao menos há aquecimento. O frigorífico está sempre cheio e a cozinha está toda equipada.

Ken – Mas às vezes tenho saudades do ar livre...

Mika – E das nossas grandes refeições em família... quando morria alguém.

Ken – Ou havia um acidente de caça.

Mika – Pergunto-me o que lhes terá acontecido.

Ken – Já éramos poucos...

Mika – Não soubemos evoluir. Esse foi o nosso problema.

Ken – Mas olha para os nandertais. Onde é que a evolução os levou?

Mika – O problema da evolução é que, mais cedo ou mais tarde, acaba na decadência...

Ken – É verdade. Os nandertais são uns degenerados! Ontem, a fêmea até se atirou a mim na casa de banho. E nem somos da mesma espécie...

Mika – Podem ser degenerados e zoófilos, mas somos nós que lhes servimos de bichos de estimação...

Ken – Prefiro «animais de companhia». É menos humilhante...

Mika – Se precisam de animais de companhia, é porque morrem de tédio.

Ken – Nós nunca nos aborrecíamos, lembras-te?

Mika – Tínhamos sempre alguma coisa para fazer...

Ken – Só tentar não morrer de fome já nos ocupava a tempo inteiro.

Eduardo e Beatriz regressam, vestidos para a consoada, com adereços de festa.

Beatriz – Está tudo pronto para a festa?

Mika – Podemos sentar-nos à mesa!

Eduardo – Que aspeto delicioso! O que é isto?

Ken – São cogumelos.

Beatriz – Outra vez o garfo do lado errado...

Beatriz troca os talheres de lugar.

Eduardo – Alguma coisa tem de nos distinguir deles. Afinal, somos a espécie superior...

Sentam-se os quatro e começam a comer em silêncio. Os dois nandertais brincam com os adereços festivos, esforçando-se por parecer alegres, sob o olhar indiferente dos sapionces. Mas depressa se aborrecem.

Eduardo – Então, que novidades têm os sapionces para nos entreter?

Mika – Nenhumas.

Beatriz – Como assim, nenhumas?

Ken – Aborrecemo-nos tanto convosco...

Mika – Já não temos nada para vos dizer.

Ken – Se continuarmos assim, acabamos por perder a fala.

Beatriz – São tão engraçados, não são?

Eduardo – Engraçadíssimos.

Beatriz – São quase como filhos nossos...

Eduardo – Podíamos adotá-los.

Ouve-se a campainha da porta.

Beatriz – Quem será a estas horas?

Eduardo – A minha mãe?

Beatriz – A tua mãe está morta! Eles comeram-na.

Eduardo – Amigos?

Beatriz – Também já morreram todos!

Eduardo – Pois é...

Beatriz – Somos os últimos nandertais.

Eduardo – O Pai Natal?

Beatriz – Tu sabes que o Pai Natal não existe.

Eduardo – Não devias dizer isso à frente deles... Estou a tentar incutir-lhes umas noções de metafísica.

Beatriz – Vou ver quem é...

Beatriz levanta-se e vai abrir.

Beatriz – Vocês! Que surpresa maravilhosa! Eduardo, são os sapionces! Vieram passar o Natal connosco!

Entram os outros quatro sapionces — Aki, Rac, Kea e Zora —, com presentes, à maneira dos Reis Magos.

Eduardo – O que fazem aqui?

Aki – Andávamos à procura de um capão e de um peru para assar. Aproveitámos para passar e desejar-vos um feliz Natal.

Beatriz – Que gentileza... Mas não precisavam de trazer presentes...

Eduardo – E nós não preparámos nada para vocês... Que embaraço...

Beatriz – O que é isto?

Eduardo e Beatriz abrem os presentes.

Eduardo – Um machado de pedra lascada!

Beatriz – Um dinossauro de peluche!

Eduardo – Muito obrigado, a sério!

Beatriz – Estamos muito comovidos...

Eduardo – Faz-me lembrar aquela tarde maravilhosa que passámos juntos na gruta. *(A Zora.)* Ainda pintas?

Zora – Querem vir passar o Natal connosco? Mostro-vos os meus últimos quadros!

Eduardo – É muita simpatia da vossa parte, mas...

Beatriz – Para nós, voltar à vida selvagem... agora já é um pouco tarde...

Mika – Bem, então não vos incomodamos mais...

Eduardo – Podem levar estes dois, se quiserem. Já nem fazem conversa...

Beatriz – Podem comê-los na passagem de ano.

Aki – Então, feliz Natal!

Eduardo – Adeus!

Os sapionces saem. Eduardo e Beatriz ficam sozinhos.

Eduardo – E agora? Abrimos o gás?

Beatriz – É melhor ligarmos a televisão.

Eduardo – Tens razão, é mais seguro...

Eduardo liga a televisão.

Beatriz – O que é que está a dar?

Eduardo – Um documentário sobre a extinção dos últimos telespectadores.

Caem lentamente, inertes, sobre o sofá. Ken regressa com Mika, seguidos dos outros quatro sapionces.

Mika – Devem ter sido os cogumelos que lhes caíram mal.

Ken – Não vamos deixar esta comida toda, pois não?

Mika – Seria um desperdício...

Escuro.

ATO 5

Uma mistura dos dois cenários anteriores: uma gruta que parece um presépio de Natal, com uma árvore num canto e uma televisão no outro. Os sapionces estão a comer.

Ken – Parabéns, Mika, está delicioso!

Kea – Está no ponto! Vou servir-me de mais um bocadinho...

Rac – Aproveitem, que são os últimos. A espécie acabou de se extinguir...

Aki – Agora somos nós a espécie superior.

Zora – Afinal, de que é que morreram os nandertais?

Mika – De tédio... a ver televisão.

Ken – Se não conseguirmos libertar-nos por completo da teoria da evolução, ao menos temos de ter cuidado com este aparelho diabólico.

Rac – Conte connosco, Chefe. Faremos tudo para continuar a vegetar como até aqui.

Kea – Que bom estarmos todos juntos a celebrar o Natal em família... como nos velhos tempos.

Ouve-se um bebé a chorar.

Mika – Vamos tentar não comer este... Se quisermos que a espécie continue.

Ken – Este bebé não tem nada a ver comigo... Tens a certeza de que é meu, Mika?

Mika – Porque é que não havia de ser?

Ken – Há um ano, o Eduardo levou-me ao veterinário para uma pequena intervenção sem importância. Quando acordei, já não tinha tomates.

Aki – Este bebé não foi obra do Espírito Santo...

Kea – Se calhar é filho do Pai Natal.

Mika – Ou então do Eduardo.

Kea – Pensava que os sapionces e os nandertais eram de espécies diferentes e não se podiam cruzar...

Mika – Deve ter havido um erro de classificação...

Zora – Ou um milagre!

O bebé volta a chorar.

Ken – Estou a ver que este menino divino ainda nos vai dar muitas dores de cabeça...

Durante algum tempo, continuam a comer, fascinados com a televisão.

Rac – De que é que estão a falar na televisão?

Ken – Da reaparição dos dinossauros.

Kea – Então acabou a era glaciar.

Mika – Pois... Cheira-me a aquecimento global...

Aki – Acham que é o fim do mundo?

Kea – O fim da História?

Zora – De qualquer maneira, é o fim desta pré-história.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Espera, borboleta!
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Outubro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-024-7

Documento para download gratuito